

Questões da Psicologia na Contemporaneidade¹

Maria Dolores Cunha Tolo²

Ao me deparar com o tema “Questões da Psicologia na Contemporaneidade” começam a vir à minha mente “flashes” de sessões com pacientes que tiveram, de alguma maneira, influência na minha formação como psicoterapeuta. Isto no plano individual. Porém, no plano coletivo, idéias e preocupações incessantes a respeito da nova ordem social deflagradas a partir dos atentados ao World Trade Center e ao Pentágono, nos EUA, desafiam-nos, como trabalhadores na área de saúde mental, a desvendarmos o significado dos comportamentos que tem abalado o mundo Ocidental.

Sem dúvida alguma, o individual está incluído no coletivo, assim como, a subjetividade tem sua origem na matriz da comunidade, dos povos, e dos grupos.

Começarei com o relato de um atendimento no consultório, onde consigo verificar alguns dos mitos que permeiam nossa atual cultura.

Há alguns anos atrás, recebi uma jovem de 23 anos. Secretária bilíngüe de uma empresa multinacional, muito falante, inteligente, queixando-se de solidão e dificuldades no relacionamento amoroso. Ela se apresentava extremamente ansiosa para encontrar um parceiro. Nunca havia tido um relacionamento estável por mais de 2 meses. Após 14 meses de psicoterapia individual e de grupo, esta jovem chegou numa sessão e afirmou: “...estou parando a terapia. Encontrei a minha cara metade e ele não aceita que eu faça terapia, pois acredita que os problemas de casa possam ser resolvidos com o pau de macarrão. Estamos pretendendo nos casar e não quero criar atritos com meu futuro marido...”(sic).

Diante disto, tentei argumentar com a minha decidida paciente, pois não sentia que ela estivesse suficientemente preparada e sua atitude parecia uma fuga das angústias que estavam surgindo a partir da intimidade criada nos vínculo na terapia de grupo. Ela não quis levar sua decisão para o grupo e deixou a terapia sem se despedir dos demais elementos. Minha tentativa em retomar este aspecto no processo terapêutico individual foi em vão e acabei impotente frente à competição com um homem forte, louro, de olhos azuis, atraente e extremamente rico. Diante da minha derrota, a jovem paciente encerrou seu processo terapêutico e me presenteou com um livro de poesias e uma carinhosa dedicatória como demonstração de seu agradecimento e afeto pelo que estava deixando para trás.

Após 8 anos, recebi um desesperado telefonema desta jovem, mais amadurecida senhora. Ela havia se separado do marido e ele tentava, judicialmente, tirar a guarda do filho de 6 anos do casal, como forma de vingança e tentativa de suspender o pagamento da pensão alimentícia. Fiquei sensibilizada com sua dor e sofrimento. Durante o período de um ano, aproximadamente, esta jovem

¹ Mesa redonda, "Questões da Psicoterapia na Contemporaneidade" realizada na II Jornada do Departamento de Psicodinâmica: Intervenção Institucional e Clínica de Adultos - tema "O que funciona na Prática da Psicoterapia?" realizada no Instituto Sedes Sapientiae - 19 e 20 de outubro de 2001 - Pré-Congresso da Associação Brasileira de Psiquiatria. I Encontro Transdisciplinar de Psicoterapias Publicado na Revista Interseções - Departamento de Psicodinâmica do Instituto Sedes Sapientiae, n. 5 - vol. I - 2003.

² Psicóloga, psicodramatista, Mestre em Psicologia pela *The University of Michigan* (EUA), Doutora em Psicologia Clínica pela PUCSP. Psicodramatista Didata Supervisora Foco Psicoterápico e Educacional credenciada pela FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama), Coordenadora Geral do Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae (2001-2003).

mãe tentou demonstrar, através de perícia judicial psicológica, que teria condições adequadas para continuar cuidando de seu filho, visto que o pai argumentava o contrário disto. Esta experiência ocorreu num contexto de extrema dor para a jovem e a criança. A ameaça de perda do convívio diário com seu filho desencadeou um processo de profunda angústia e depressão.

A partir da análise do processo terapêutico desta jovem, considerado desde o primeiro contato até a sua retomada com um quadro clínico depressivo, pude considerar que, inicialmente, ela não conseguia estabelecer vínculos amorosos significativos. Após um período de psicoterapia, ela começou a fazê-lo, porém, transformou a vivência de um novo vínculo num instrumento de satisfação imediata do ego, de efeito ilusionista. A idéia do que ela poderia conseguir dentro do casamento a impediu de perceber outros aspectos do relacionamento que mais tarde a levariam a muita dor e sofrimento.

As disputas judiciais pela guarda de filhos têm se tornado uma prática freqüente nos últimos anos, porém, durante o processo de litígio, pude constatar que minha jovem paciente havia sido fisgada pela “lenda da sereia”. A sereia, como uma figura mitológica, apresenta um aspecto de sedução que, enganosamente, levaria o homem ao prazer. Pelo fato de ser metade mulher e metade peixe, a fantasia de sedução incita a ilusão do prazer pela sua parte mulher, porém, o impossibilita pela sua metade peixe.

Através de sua parte mulher, a sereia seduz os jovens marinheiros a encontrarem a morte nas profundezas do oceano. A sedução e ilusão do prazer que acabam levando à morte. A idéia e fantasia de satisfação criam a ilusão do prazer, mas levam à morte. De certa forma, esta jovem alimentou a crença de eterna felicidade a partir do homem sedutor e acabou perdendo sua alma e dignidade numa disputa repleta de ódio e destruição.

Este mito parece estar presente em nossa sociedade contemporânea. O culto narcísico ao corpo, ao ego, ao prazer e ao poder tem tomado conta das subjetividades. A cultura tem denegrido a fragilidade do ser e “escolhe” a violência como maneira de encobrir as sensibilidades e dificuldades do contato humano.

Desta forma, o amor, o contato humano e a ternura, aspectos extremamente potentes contra a solidão e o isolamento, acabam sendo deixados ao plano secundário, ou seja, “quando houver um tempo para tal”. Mas parece que não há tempo suficiente para olhar o outro verdadeiramente, para criar uma intimidade, intimidade estruturada pela ternura, pois algo se apresenta como mais urgente e acaba-se perdendo para a prioridade do “vencer e conquistar”. O ter e ganhar “a qualquer preço”, acaba sendo determinado culturalmente. A competição tem substituído a competência e a posse tem sacrificado a qualidade, pois a competência requer aprendizado e tempo para o desenvolvimento da essência mais profunda do ser humano.

Como conseqüência disto, na prática clínica, cada vez mais observamos o aumento de queixas a respeito do vazio interior. O Prosac, o tabaco, o álcool, a Internet são substitutos do contato afetivo e tem contribuído ao isolamento do ser. Ter ao invés de Ser e Ser como algo supérfluo na conquista, cada vez mais competitiva do poder, sendo a competição uma grande fonte de depressão (Bustos, 2001).

Para Jacob Levy Moreno, o pai do Psicodrama, da Socionomia e da Sociatria, o ser humano somente existe em relação. Moreno concebia o homem como um Ser em constante relação no mundo. A relação com o outro e suas experiências é que permitem sua existência. O vínculo como instrumento necessário ao desenvolvimento do Ser e o amor como essência que permite com que este Ser possa desenvolver o máximo de sua potencialidade no universo. O encontro entre os seres é o objetivo fundamental no enriquecimento das subjetividades e este só poderá ser efetivo quando houver a possibilidade de inversão de papéis.

A inversão de papéis, ou seja, colocar-se sem críticas, sem preconceitos, despidido da própria subjetividade e dos próprios interesses no lugar do outro, como proposta de cura para que seja possível atingir o verdadeiro Encontro. Segundo Moreno: “Encontro significa estar junto, encontrar, tocar-se os corpos, ver e observar, palpar, sentir, compartilhar e amar, comunicação mútua, conhecimento intuitivo mediante o silêncio ou o movimento, a palavra ou o gesto, o beijo ou o abraço, unificar-se – um com o um” ... “só as pessoas que se encontram mutuamente podem formar uma verdadeira sociedade de seres humanos... As pessoas que se encontram é que são as responsáveis e genuínas fundadoras da existência social” (Moreno, 1978: 308, vol. 1).

Para Moreno: “um procedimento verdadeiramente terapêutico deve ter por objetivo toda a espécie humana” (Moreno, 1992: 119, vol. 1) e propõe o **Encontro** como objetivo primordial na resolução dos conflitos. O encontro entre os seres humanos, entre marido e mulher, pais e filhos, patrão e empregado e porque não mencionar entre os líderes das nações. A inversão de papéis entre as partes em discórdia, entre oponentes, como solução para as atrocidades ocorridas nas duas grandes Guerras Mundiais e, talvez, atualmente a terceira. Diante do que poderia parecer uma utopia para Moreno, em Viena de 1914, hoje se faz presente frente às preocupações e ameaças de perigo diante dos extermínios em massa.

Durante o 13º Congresso Internacional de Psicoterapias de Grupo, em Londres de 1998, o psiquiatra turco Vamik Volkan afirmou que a partir dos conflitos internacionais “criou-se uma demanda crescente para uma modificação do conceito de trabalho diplomático, e que agora inclui a dimensão psicológica dos eventos, e não apenas o caráter econômico e social dos mesmos” (Cukier, 2001: 173). Citou, ainda, o cientista político, Donald Horowitz que “defende a idéia de que a quantidade de paixão nos conflitos étnicos atuais demanda uma explicação que leve em conta as emoções” (Cukier, 2001: 174).

Neste encontro, Volkan falou sobre os esforços contemporâneos de encontros. Ele considerou que “...em 1978, o presidente do Egito Anwar al-Sadat fez um convite indireto aos profissionais de saúde mental para trabalharem conjuntamente com diplomatas, buscando compreender e desfazer a barreira psicológica que, segundo ele, constituía 70% do conflito árabe-israelense. Foi obtida uma verba do Fundo das Nações Unidas e constituído um pequeno comitê, na Associação Americana de Psiquiatria, que realizou reuniões em vários locais da Europa. De 1980 a 1986, psiquiatras e diplomatas americanos, israelenses, palestinos e egípcios dividiram-se e participaram de pequenos subgrupos de discussão, visando facilitar o diálogo entre as partes em litígio. Este trabalho trouxe novos e valiosos “insights” sobre o comportamento de grandes grupos” (Cukier, 2001: 176).

No início, “israelenses e árabes pareciam competir para ver quem havia sofrido mais agressões e injustiças.... Havia pouca empatia para o sofrimento do outro grupo e falar das injúrias passadas parecia reforçar o perigo e a persecutoriedade no presente.... Um momento crucial das discussões ocorreu num pequeno grupo quando se chegou à conclusão de que ambos os lados do conflito

compartilhavam o mesmo sentimento de medo. Este mútuo reconhecimento do sentimento do medo alheio criou uma atmosfera positiva para as discussões e foi possível criar certo clima de compartilhamento ao invés de competição e disputa...” (Cukier, 2001: 176).

Estes pequenos laboratórios internacionais do trabalho de grupos nos permitem observar o quanto a “utopia” Moreniana cada vez mais se faz real e necessária à sobrevivência humana. Este nosso primeiro encontro de psicoterapias certamente fará parte do caminho trilhado por diversos encontros e falas que até então se mantiveram dentro de reservadas igrejas do saber e clausuras do conhecimento. A inversão de papéis, o poder se colocar no lugar do outro, sem os habituais preconceitos, deverá fazer parte da disponibilidade e tolerância ao diferente, independente de sua aparência ou apresentação. Este momento de encontro é único.

A oportunidade de se olhar e olhar ao outro não fez parte do momento de escolha de minha jovem paciente, diante da decisão do casamento. A exacerbação da conquista do ego a deixou cega para o reconhecimento do potencial amoroso do vínculo. A ênfase narcísica do ego certamente precisaria ser substituída pelo estabelecimento de vínculos sociais e amorosos mais genuínos. Talvez fosse diferente seu destino, caso ela tivesse tido a oportunidade de ouvir, sinceramente, ao outro e poder encontrar neste outro o reflexo de seu próprio ser.

Termino aqui esta fala, deixando como proposta para esta Jornada que se inicia, a disponibilidade aberta e sincera do ouvir e do encontro. Sair da individualidade para que cada um possa aventurar-se, sem medo, no mundo da tolerância e da troca. Longe do mito da sereia, longe da satisfação rápida e imediatista, procurando estar com o outro de uma forma generosa. Ouvir ao outro, sem crítica, sem preconceito, cada um tentando se colocar no lugar do outro, se reconhecendo nele, o que possibilitará um verdadeiro Encontro.

Referências Bibliográficas

- (1) BUSTOS, Dalmiro (2001) Mesa Redonda realizada no “Fórum do século XXI: Novas Formas de Conjugalidade”. Setembro, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo.
 - (2) MORENO, Jacob L. (1978) Psicodrama. São Paulo: Ed. Cultrix.
 - (3) ----- (1992) Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. Goiânia: Ed. Dimensão.
 - (4) CUKIER, Rosa (2001) O Psicodrama da Humanidade. Utopia, será? In: Costa, R.P. (org.) Um homem à frente de seu tempo: O Psicodrama de J.L. Moreno no século XXI. Parte III, 171-187. São Paulo: Ed. Ágora.
-